

## **A REDUÇÃO MISSIONEIRA DE SÃO JOSÉ DO ITAQUATÍÁ (1632 – 1638) – RS: ASPECTOS HISTÓRICOS E ARQUEOLÓGICOS**

***Alexandre Pedrozo<sup>1</sup>, Silvana Zuse, Taiara Souto<sup>2</sup>, Saul Milder<sup>3</sup>***

1- Pesquisador do Laboratório de Pesquisas e Estudos Arqueológicas - LEPA. Especializando em História do Brasil, UFSM.

2- Monitoras do LEPA. Estudantes do 3º semestre do Curso de História, UFSM.

3- Orientador. Coordenador do LEPA. Doutor em Arqueologia.

Laboratório de Estudos e Pesquisas Arqueológicas, Universidade Federal de Santa Maria, Rua Floriano Peixoto 1184, Anexo, Antiga Reitoria, Centro, Santa Maria – RS. CEP: 97105 – 372.

**Palavras-chave:** Conflito Étnico, Redução Missioneira, Material Arqueológico

**Área do Conhecimento:** Ciências Humanas - Arqueologia

### **1. Introdução:**

Este artigo tem por objetivo desenvolver questões a cerca do sítio arqueológico da Pedra Grande no município de São Pedro do Sul – RS. Neste local encontramos uma considerável gama de material arqueológico e demais estruturas antrópicas, junto de um Monolito com petroglifos (escrita em pedra), que nos deixam evidências de um acampamento pré-histórico. Encontramos também uma grande quantidade de material cerâmico próximo ao espaço onde foi identificada a redução missioneira de São José do Itaquatíá.

### **2. Discussão Teórica:**

Uma das primeiras questões que devemos abordar é a evolução das técnicas de produção da cerâmica. Este fato é fundamental para o desenvolvimento da sociedade Guarani, que é posteriormente subjugada pelo jesuíta, e também para que os grupos pampeanos (índios caçadores e coletores do pampa gaúcho) atinjam um estágio econômico superior, passando de caçadores-coletores para caçadores-ceramistas incipientes. No trabalho de Dias Junior [1], o autor dá dois esclarecimentos de grande importância sobre esse tema. Na primeira, Dias Junior (1993, p. 11) dirá que o domínio das técnicas de fabricação de utensílios cerâmicos “darão origem a outras estruturas, funções, idéias etc. A ‘origem’ de alguma coisa na arqueologia é marcada pela

percepção criativa de alguém que identifica uma nova forma (de qualquer configuração) em relação ao contexto estudado”.

Mais adiante, Dias Junior (1993, p. 12) abordará as consequências significativas dessas mudanças que refletiram no grupo indígena, seja ele Guarani ou Pampeano: “... experiência social acumulada, de adaptação em muitos sistemas peculiares, onde a base econômica de sustentação da vida se dava pelo aproveitamento dos recursos naturais, através da caça da pesca e da coleta...”.

Desenvolvendo essa reflexão, podemos perceber que o avanço nas características sociais, políticas, econômicas e mesmo religiosas (como a relação entre a decoração dos vasilhames cerâmicos e as festas, ritos de passagens e cerimoniais místicos), deu-se progressivamente nos grupos indígenas, através da assimilação de técnicas.

Dentro da perspectiva de análise etnológica temos a presença de duas culturas distintas no mesmo espaço territorial e em diferentes épocas. Assim podemos analisar estes grupos humanos e tentar visualizar sua inserção na pré-história platina e história colonial (missioneira) da América Latina. Acerca da relação do índio na produção da cerâmica nos propomos seguir a Barth [2] (1976, p. 11) “de una tipología de las formas de los grupos étnicos y sus relaciones, nos proponemos explorar los diferentes procesos que al parecer participan en la generación y conservación de los grupos étnicos”.

Passamos a falar da hierarquia indígena na época da redução. Um dos únicos aspectos mantidos foi o poder do cacique que através de uma aliança com o padre jesuíta e que é bem apresentado por Machado [3] (1999, p. 32): “A função do cacique era a resolução de conflitos internos e a liderança da tribo, tanto em tempo de guerra como de paz. Palavra e carisma formavam a base sobre o qual repousava o seu prestígio... O Cacique representava, para o jesuíta, um aliado, pois sendo ele o porta voz do grupo, conquistar o restante da sociedade guarani não seria uma tarefa difícil, pois os índios não contestariam ou abandonariam o chefe”.

Enfatizando a idéia de mudança estrutural na ordem social indígena Becker [4] (1992, p. 12) descreve a funcionalidade da redução: “A missão por redução, entretanto, funcionando no mesmo tempo como poder religioso, econômico político e social, onde a regra era a disciplina e o trabalho”. Ainda falando sobre as relações de impacto na redução Becker (1992, p. 13) aborda: “não só entre os caciques que sabiam atuar com visão e diplomacia, mas também entre os pajés, que se valeram de todas as estratégias, inclusive de imitação do missionário, para manter os valores do indígena e deter a missão”. Analisando essa reflexão podemos perceber que o processo reducional não foi aceito com passividade, fato que será verificado posteriormente, no momento em que só haverá consenso quando o jesuíta percebe que não terá sucesso na sua empreitada se não conseguir apoio político e religioso tanto do cacique quanto do pajé.

Outro caráter que marca esse ambiente é as alternativas que têm o índio limitas a se reduzir à Igreja Católica e à Coroa Espanhola, ou a ser escravizado pelo bandeirante. Com a redução, os índios são obrigados a se voltar a um espaço físico menor, regido por um caráter eminentemente religioso. Neste momento, a mentalidade indígena vai sofrer grande impacto frente aos elementos impostos pelos jesuítas. Esse fato vai denotar grandes mudanças de ordens culturais que terão reflexo no comportamento religioso, no caráter social, na ordem de produção e de decoração dos utensílios cerâmicos etc...

Verificamos assim, as relações entre os grupos caçadores indígenas vai se dar a partir do status de cada indivíduo exerce dentro do bando. Devemos respeitar as diferenças culturais de cada grupo e os limites que são impostos devido ao seu desenvolvimento étnico. Outrora, os Guarani, considerados grupos eminentemente imperialistas, que criaram uma hierarquia marcada pelo poder de influência política e especialmente religioso exercido pelo cacique e pelo pajé ou xamã, respectivamente. Ou mesmo dos grupos reduzidos à Missão, que estarão influenciados pelo espírito jesuítico e que formarão sua política através de uma aliança entre o missionário e o cacique da tribo em processo de redução.

Relacionando as reduções com as Cartas Anuas percebemos os elementos explorados pelos autores como foi escrito por Becker (1992, p. 170): “De início a redução foi assistidas pelos Padres de Santo Tomás num ir e vir continuo que desagregaram os índios. Enviaram alguns de seus caciques ao superior das missões, suplicando que lhes dessem um padre fixo. O desejo foi atendido com antecipação à chegada da comitiva, sendo designado para a redução o Padre Cataldino, que entrou triunfante carregado pela população de 350 famílias. Num ano já eram 600 famílias, e as crianças começaram a ler, cantar, dançar com grande alegria e prazer de seus progenitores, como escrevera padre Romero em Carta Anua desse ano”.

### 3. Questionamentos e Problemática:

A primeira questão que nos leva a refletir numa proposta de trabalho voltada para as reduções jesuítica, ou a chamada 1ª fase Missioneira, é a escassez de trabalhos dentro dessa temática. Quando nos deparamos para fazer um breve levantamento bibliográfico verificamos que a diversidade de assuntos a serem abordados é deixada de lado. Dos autores que mais trabalham o tema missioneiro, os de maior destaque preferem trabalhar a época em que a Missão já está consolidada em termos econômicos, sociais e políticos.

Percebemos que não é tarefa fácil escrever sobre o assunto. Mas que, de outra forma, é de fundamental importância desenvolvê-lo na medida em que se fazem

necessários mais estudos para o desenvolvimento do assunto e a melhor compreensão de como se deu a concentração dos indígenas em um espaço específico e como foi o princípio da doutrinação religiosa aos seres "gentios". De outra maneira falando, como fora esse impacto cultural.

É importante perceber também o espaço arqueológico onde foi fixada a redução em tempo pré-histórico. Pois temos um grupo de caçadores habitando o espaço e explorando essa paisagem, inclusive tentando se expressar através da pintura de grafismos em pedra. A compreensão dos espaços utilizados pelo grupo também é uma tarefa possível e que cabe ao arqueólogo interpretar e contribuir com um pedaço da pré-história gaúcha que muitas vezes é esquecida por nossa sociedade.

Nesse sentido os pelos arqueólogos Schmitz e Brochado [5] que trataram das técnicas que os índios utilizaram para gravar os petroglifos além de uma tentativa de interpretação dos grafismos. As pesquisas no local deram-se especialmente no ano de 1969 e renderam uma grande quantidade de material lítico e cerâmico além de algumas habitações (1976, p. 119): "na parte posterior do abrigo, se identificou um extenso sítio cerâmico da Tradição Tupiguarani, no qual se observaram vinte locais onde se concentravam na superfície do solo fragmentos de cerâmica e instrumentos líticos. Essas concentrações indicariam vestígios de habitação de planta circular, medindo desde 10 até 50 m de diâmetro, sendo mais comum as de entre 20 e 50 m de diâmetro. Uma aglomeração de 10 habitações se encontra a oeste do abrigo. Outra com sete habitações está afastada 300m para noroeste. Mais quatro habitações isoladas se encontram espalhadas ao redor, a 200 e 500m ao sul e a 700m a oeste".

Além dos elementos descritos, devemos lembrar que as Missões vão ser reproduzidas em toda a América Latina, tendo seu maior desenvolvimento na Bacia Platina. São grandes territórios de terra que serão administrados pela Companhia de Jesus, especialmente. No Paraguai, na Argentina, no Uruguai e no Rio Grande do Sul.

Dentro desta perspectiva as reduções são vistas como fator embrionário para o

fortalecimento da Igreja e a concepção do universo latino para o estudo das Missões Jesuíticas.

#### **4. A Fronteira: um espaço histórico de conflito**

Desde a época pré-histórica até os momentos contemporâneos o território central da América Latina foi disputa de territórios e delimitação de fronteiras. As tribos Guaranis e os grupos caçadores - coletores são um bom exemplo dessa disputa. Os Guaranis habitavam a encosta das planícies. Tinham uma característica política eminentemente Imperialista, exploravam uma boa área de terra nas margens dos rios para suas atividades de subsistência. E neste espaço encontravam os caçadores - coletores, na busca de seixos rolados de rios para obtenção de matéria prima potencial na produção dos artefatos líticos. Além desse território, os Charruas e Minuanos vão se espalhar pelas áreas alagadiças do pampa gaúcho, para explorar a flora e a fauna riquíssima desse local, devido a abundante quantidade de água. Como o nomadismo é característica eminente desses grupos, a abrangência de um macro espaço funcional é uma hipótese sustentável. Dentro dessa perspectiva o confronto com o Guaraní é uma possibilidade considerável.

Todavia não pensamos que ele tenha sido de uma forma impositiva, como algumas teorias arqueológicas - a exemplo das Tradições - ou antropológicas - como o evolucionismo marxista e o neo - evolucionismo. De outra forma ela pode ter sido pacífica como podemos verificar em no estudo de uma Urna Funerária de um grupo caçador - coletor com características de produção e decoração guarani (ver coleção do Sítio arqueológico do Cerrito do Corredor do Bolso em São Gabriel, escavado pelo LEPA - UFSM em 1998). Por que não acreditar que um índio pampeano, ao sair para caçar, tivesse visto uma Guaraní fabricando cerâmica e percebendo que esta forma de feitiço seria muito mais válida para o grupo?

Ou como Reichel e Gutfreind [6] (1998, p. 56) expõem: "A princípio, podemos afirmar eu há algumas características comuns aos dois grupos, devido à aculturação tribal que as constantes migrações provocam e pelos

contatos culturais e trocas econômicas que travavam entre si. É o caso, por exemplo, das que se realizavam entre os guaranis e os charruas: mulheres charruas usavam um pano de algodão para cobrirem-se da cintura até os joelhos. Com estes não teciam nem plantavam algodão, subentende-se que o obtinham com os guaranis”.

Em um momento posterior, a época colonial, as Missões formaram um processo característico de definição para fronteiras. A Coroa Espanhola incentivava a fixação das reduções e propunha o armamento da instituição com o argumento de defender-se das incursões dos bandeirantes, mas que na verdade servia para o projeto de consolidação de fronteiras. Este foi um período de algumas divergências entre as Coroas espanhola e portuguesa que só serão solucionados com alguns tratados territoriais. Especialmente, o Tratado de Madri, que estabeleceu que os espanhóis seriam detentores da Bacia do Rio do Prata e os portugueses da Bacia do Rio Amazonas e da Região do Mato Grosso. Por essa definição, Sete Povos das Missões passaria para os portugueses e a Colônia do Sacramento ficaria sob jurisdição espanhola. Como expressa Quevedo [7] (2000, p. 145): “pela primeira vez o espaço missionário teve suas fronteiras limitadas e consagradas como fronteira missional. Porém, se no final do século XVII o espaço missionário esteve em franca ampliação, a partir da segunda metade do século XVIII ocorreu o oposto. Tomavam seu papel na defesa dos interesses da Coroa da Espanha – zelo pela fronteira – e sua inserção na Cristandade colonial”. Mais adiante, Quevedo (2000, p. 145) mostrará qual a instrução da Coroa aos jesuítas: “a determinação da Coroa de migração expressa no Tratado de Madrid, confirma que os guarani-missioneiros deveriam fortalecer os povoados que naquele momento eram fronteiriços, como S. Tomé, Yapeyu e La Cruz”.

No caso da redução de São José do Itaqui em 1638 ela transferiu-se devido à incursão de bandeirantes estabelecendo-se entre o rio Uruguai e o Paraná. Este fato norteará uma das grandes questões de nosso trabalho. Ou seja, em que termos os conflitos entre indivíduos que tem seus interesses voltados para a exploração do

território e das riquezas que deles proviessem, sem deixar de lado a escravização do ser índio que também poderia render bons lucros pode ter agravado a situação de tensão dentro do espaço Missionário.

Com a ajuda da Coroa, o desenvolvimento da Missão era evidente. Primeiro, as reduções concentravam um grande número de indígenas num pequeno território. Porém os arredores eram amplamente povoados com gado, e as áreas próximas do complexo central eram exploradas com tecelagens, oficinas, hortas etc...

Como nos fala Quevedo (2000, p. 16): “um produto dessa aliança foi o índio reduzido, o fiel vassalo ao monarca espanhol, responsável pelo êxito socioeconômico da missão”, com tudo correndo bem é natural que ocorresse um crescimento demográfico que, neste caso, ocorria de forma controlada pelos padres jesuítas. Os casamentos eram realizados com o consentimento dos clérigos. Nesse sentido, um fator fundamental mudou na mentalidade indígena, pois a poligamia deveria ser abandonada em destaque a família patriarcal, constituída de um chefe de família, uma única esposa e um número de filhos variável, dependendo do contingente populacional da Missão.

Com uma determinada região densamente povoada a Coroa intercedia na aquisição de armamento proporcionando a formação de um verdadeiro exército de defesa. Dessa maneira, no caso de uma invasão de terras, o índio estava protegido e ao mesmo tempo preparado para o ataque quando necessário.

Para o Jesuíta a intenção maior de reduzir e converter o indígena significava a sacralização como filho de Cristo Jesus e da Instituição Igreja Católica. Mais do que isso era a confirmação da Companhia de Jesus não só como entidade de conversão aos infiéis da “nova terra”, mas também como empresa econômica, na medida que desenvolveu tanto as habilidades artísticas e funcionais na produção dos indígenas como também em determinados momentos, em que algumas reduções vão produzir e exportar (como no caso da erva-mate, da



mandioca etc...) produtos de consumo freqüente.

Dessa forma, o lucro adquirido nos negócios poderia ser revertido em benefício da Missão, para a compra de equipamentos, roupas, outro tipo de mantimentos que não eram fáceis de serem adquiridos tais como temperos. Refletindo sobre este aspecto Quevedo (2000, p. 110) escreve: "Sob o olhar europeu, o trabalho do índio reduzido é visto como intrinsecamente ligado ao tributo e solução ideal, encontrada pela monarquia espanhola, para resolver os problemas do trabalho indígena". Assim podemos verificar que as vantagens adquiridas com a Companhia de Jesus, e como consequência da criação das Reduções e posteriormente das Missões, vão formar uma empresa rendosa para a Coroa, na medida que a produção era taxada, e ao mesmo tempo um importante entreposto para garantir o território na disputa com a Coroa Portuguesa".

O elemento fundamental, que tornou possível a conversão do indígena era justamente o perigo eminente de ser escravizado pelo Bandeirante, como foi dissertado anteriormente neste capítulo. Assim, podemos evidenciar com que "brandeza" o processo de conversão do indígena foi legitimado. Ao mesmo tempo, como a Instituição da Missão se fortaleceu ao longo do tempo a custa do trabalho indígena.

### 5. Considerações:

Neste artigo demonstramos o caráter inédito do trabalho que pretendemos realizar. Uma abordagem que deve ser feita vinculada ao caráter de conflito étnico que ficou explícito na medida que da imposição da ideologia jesuítica ao índio guarani reduzido. Mais do que isso, como as Missões, num processo histórico de formação de fronteiras ao longo do território platino, é importante como marco de domínio de espaço, dentro de um contexto tenso e conflitivo.

No caso da Redução de São José do Itaquatiá, poucos trabalhos abordaram o tema e, ao mesmo tempo, o fizeram de maneira geral. Portanto, se faz necessário um trabalho específico, primeiro voltado para a forma de construção e da relação jesuíta/ indígena, baseado no material arqueológico retirado do sítio.

Temos idéia presente de que este trabalho é o princípio sobre esta redução, mas é de vital importância para compreender melhor o ideário jesuíta e a formação do ser cristão novo. Tanto na forma específica, como também uma visão complementar no complexo que forma as produções acerca do tema missionário.

### 6. Referências Bibliográficas:

- [1] DIAS JUNIOR, O. As Origens da Horticultura no Brasil. In: **Revista de Arqueologia Americana**. Instituto Americano de geografia e História, n. 7, janeiro – junho 1993, p. 7-53.
- [2] BARTH, Fredrik. **Los Grupos Étnicos y sus Fronteras**. México: Fondo de Cultura Económica, 1976. 210 p.
- [3] MACHADO, Neli T. G. **A Redução de Nossa Senhora da Candelária do Caaçapamini (1627 – 1636) – O Impacto da Missão sobre a População Indígena**. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1999, 172 p.
- [4] BECKER, Itala Irene Basile. **Lideranças Indígenas**. Pesquisas. São Leopoldo, n. 47, 1992, 197 p.
- [5] SCHMITZ, Pedro. I. & BROCHADO, José. P. Petrogrifos do Estilo Pisadas no Rio Grande do Sul In: **Estudos Iberos Americanos**. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, pós-graduação em História da Cultura. Vol. II nº 1. Julho de 1976 p. 93-142.
- [6] REICHEL, H & GUTFREIND, I. **As Raízes Históricas do Mercosul – A Região Platina Colonial**. São Leopoldo, Ed. Unisinos. 214p.
- [7] QUEVEDO, Julio R dos S. **Guerreiros e Jesuítas na Utopia do Prata**. Bauru, SP: EDUSC, 2000. 250p.